

# **VISÕES DE ALTERIDADE NO MÉXICO DE 1519-1521; HERNÁN CORTÉS E FERNANDO DE ALVA IXTLILXOCHITL.** Bruno Baendereck. – Ciências Humanas - História - Departamento de História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Campus de Franca.

O trabalho a ser apresentado tem por proposta analisar visões de alteridade na Mesoamérica do século XVI, especificamente no período relativo à tomada da capital asteca “México-Tenochtitlán” – 1519/1521.

Nas margens do século XV há uma Europa ainda muito sofrida, tanto pela peste negra, como pela carestia e fome, trazendo inúmeras baixas demográficas. Um mundo brutal inserido na contradição, que é originada para as sociedades pelo Renascimento e pela volta ao Humanismo, contrastando com aspiração pelo belo – idealizado – e a intranquilidade no terreno real.

A longa reconquista espanhola – de aproximadamente oito séculos de duração – fora travada nos limites da fé e expansão territorial, fronteira entre o Cristianismo e o Islamismo. A constante presença, hostil, do Islã e do avanço dos turcos otomanos mina o mundo peninsular espanhol. Por outro lado, afirma-se progressivamente uma escola cartográfica, desenvolve-se a caravela e sua experiência militar é renovada a partir da reconquista de Granada<sup>1</sup>. Constitui-se aos poucos e ao redor desse mundo uma sociedade inquisitiva – relacionada e debruçada “sobre o mundo que estava além de seus horizontes imediatos” – e aquisitiva, na medida em que aspira pela posse material, pelo “latejante brilho luxurioso do outro”<sup>2</sup>.

Daí, portanto, a guerra de fronteira; imbricada em saques, escambos, honra, fama e fé. A conquista, o povoamento e a colonização da América vão de encontro a essa longa tradição hispânica. Enquanto a religião garante a identidade cultural, o espanhol racionaliza sua escolha, separando a fé da razão – atitude cada vez mais freqüente na época. A autorização papal, com as bulas de 1493 e o tratado de Tordesilhas, firmados por Alexandre VI, dá um grau de segurança inquestionável às pretensões de Castela. O empreendimento sagrado será a justificativa moral perfeita para a conquista e colonização do Novo Mundo.

Os habitantes das ilhas americanas fizeram crer aos conquistadores na selvageria das culturas indígenas (semi-nus, casas pobres e estranhos ritos), e ao julgarem-nos “desprovidos de cultura”, não suspeitavam encontrar duas zonas nucleares, onde se atestava, continente adentro, refinada arte, economia e política. Foram os povos *nahuas* os criadores de formas superiores de cultura no México antigo.

Dentro das possíveis maneiras de se entender o outro, Hernán Cortés – conquistador espanhol do México asteca<sup>3</sup> – empreita a difícil tarefa de descrever em suas *Cartas de Relación* ao Imperador Carlos V, além de uma série de feitos a serviço de Deus e da Coroa de Castela, a alteridade de uma cultura muito diversa daquela encontrada até então nas ilhas caribenhas. Esta relação de alteridade será analisada neste trabalho a partir das ações do conquistador, nas quais ele estabelece com os mexicas um “diálogo” de primeira mão, calcado pela fresca experiência. O enfoque será dado a um possível “maravilhoso” cortesino.

Como elemento de problematização na análise, retiramos o termo “maravilhoso” de um outro, que como vocabulário da literatura, faz-nos visitar uma grande parte do universo do imaginário da Idade Média. O Ocidente medieval possuía o termo *mirabilia* – que floresce, sobretudo, nos séculos XII e XIII

---

<sup>1</sup> ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial; os conquistadores**. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 31

<sup>2</sup> ELLIOT, J. H. **A conquista espanhola e a colonização da América**. In: BETHELL, Leslie (org.). *América Latina colonial*. Vol.I. São Paulo: Edusp, 1998, pp. 135-139

<sup>3</sup> Hernán Cortés nasceu em Medelin, na região de Estremadura, na Espanha em 1485. Era ele um homem de dois mundos: de um lado, bom latinista, com dois anos de estudo de gramática em Salamanca sendo um jovem fidalgo; de outro, notário escrivão público, gentil-homem, era também um homem das armas. O binômio ordem/desordem era-lhe peculiar.

tratante à cultura erudita, na qual, os Clérigos viam um Universo muito bem definido, dedicado, assim, mais ao mundo folclórico<sup>4</sup>.

Em termos etimológicos, a raiz *mir* de *mirabilia* implica algo de visual. Os *mirabilis* não se limitavam a coisas admiradas com os olhos, mas há na origem todo um ordenamento envolto nesse sentido, uma metáfora visual no sentido de *miroir* relacionada a espelhar-se, refletir-se<sup>5</sup>.

O maravilhoso sintetiza os limites do sobrenatural, portadores de um inerente interesse religioso, estético e científico. Ao representar os outros – não-espanhóis – em sua narrativa de viagem, Hernán Cortés tem a preocupação de traduzir esse outro em termos do saber compartilhado pelos espanhóis e “para fazer crer no outro que constrói, elabora toda uma retórica da alteridade”<sup>6</sup>.

Com ajuda da antropologia social, buscamos o afastamento do olhar eurocêntrico – do vencedor – e paralelamente o reconhecimento das tessituras mexicas. Não é preciso uma cuidadosa análise de fontes para se notar que é quase inexistente a perspectiva indígena da conquista – sendo que a maioria delas reflete a pós-conquista.

Temos então que a herança deixada pelos antigos sábios do México antigo sobre seu pensar – os homens, a vida e a morte – está sempre relacionada com a divindade (códices, poemas e anales o mostram). Tomamos, então, Fernando de Alva Ixtlilxochitl para analisar a visão indígena relativa ao mesmo período (1519/1521). Este recopila a oralidade *nahua* e a descreve, porém, em moldes historiográficos europeus, e a cerca de um século após a chegada de Cortés. Da perspectiva indígena, nosso documento base será sua obra *História de la Nación Chichimeca*. Procuraremos enfatizar o caráter mítico de sua visão do outro (espanhol), que poderia ser lida como espelho ao *maravilhoso* cortezino. O espanhol – categoria de alteridade humana indecifrável pelos índios – é “domesticado” a níveis sobre-humanos e sobre-naturais.

Podemos considerar as cartas e o relato epistolar documentos satisfatoriamente relevantes, pois além de assinalar pensamentos culturais, políticos e econômicos, tanto no lado espanhol como no mexica (da época dos respectivos autores), insere também suas visões do outro. Acrescentamos que para o quadro teórico de nosso trabalho se engastam os métodos de História Cultural apresentados pelo historiador François Hartog (1999), pois estamos tratando de representações pelo “desvio sistemático”<sup>7</sup>: “tradução” da alteridade por seus próprios códigos culturais.

A análise da fonte consistirá, portanto, na leitura e na seleção das cartas e dos capítulos que forem relevantes para a pesquisa; ou seja, nos quais poderemos ler tanto a alteridade expressa através do *maravilhoso* quanto aquela expressa através da cosmogonia e calendário mexica.

## Referências Bibliográficas

- ALBERRO, Solange. **Él águila y la cruz; orígenes religiosos dela consciencia criolla**. México, siglos XVI-XVII. México: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 1999.
- BERNAND, Carmem; GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo; da Descoberta à Conquista, uma Experiência Européia (1492-1550)**. 2ª ed. São Paulo:Edusp, 2001.
- BOTHERSTON, Gordon. **La visión americana de la conquista**. IN: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. Vol.I. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1993.
- COLL, Josefina Oliva de. **A Resistência Indígena; do México à Patagônia, a história da luta dos índios contra os conquistadores**. São Paulo: L&PM/HISTÓRIA, 1986.
- CORTÉS, Hernán. **Cartas de Relación de la Conquista de Mexico**. México: Puebla, 1952.
- ELLIOT, J. H. **A conquista espanhola e a colonização da América**. In: BETHELL, Leslie (org.). *América Latina colonial*. Vol.I. São Paulo: Edusp, 1998.

<sup>4</sup> LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol.II. Bauru/São Paulo: Edusp, Imprensa oficial do Estado, 2002, p.107-108

<sup>5</sup> *Idem*

<sup>6</sup> HARTOG, François. **O espelho de Heródoto; ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, pp. 38-39

<sup>7</sup> HARTOG, François. *Op.Cit.*, 1999, pp. 45-50

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do Maravilhoso; O Novo Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto; ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

IXTLILXOCHITL, Fernando de Alva. **Historia de la Nación Chichimeca**. Madrid: Edición de Germán Vazquez, 1985.

KARNAL, Leandro. **Teatro da Fé; representação religiosa no Brasil e no México do século XVI**. São Paulo: Hucitec, 1998.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol.I. Bauru/São Paulo: Edusp, Imprensa oficial do Estado, 2002.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol.II. Bauru/São Paulo: Edusp, Imprensa oficial do Estado, 2002.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Portugal: Editorial Estampa, 1994.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **A conquista da América Latina vista pelos índios; relatos astecas, mais e incas**. Petrópolis: Vozes, 1984.

LIENHARD, Martin. **Los comienzos de la literatura 'latinoamericana': monólogos y diálogos de conquistadores y conquistados**. In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. Vol.I. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1993.

LOCKHART, James. **Los de Cajamarca; um estudio social y biográfico de los primeros conquistadores del Perú**. Lima: Editorial Milla Batres, 1986.

O'GORMAN, Edmundo. **Estudio Introductorio**. México: U.N.A.M., 1975-1977.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

ROJAS MIX, Miguel. **Los monstruos: mitos de legitimación de la conquista?** In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. Vol.I. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1993.

ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial; os conquistadores**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

SEED, Patrícia. **Cerimônias de posse na Conquista Européia do Novo Mundo; 1492-1640**. São Paulo: UNESP, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América; a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VAINFAS, Ronaldo. **Economia e sociedade na América espanhola**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.